
ENTRE A FÉ E OS FATOS: HISTÓRIAS E CONFLITOS DE UM PADRE QUE SE TORNOU JORNALISTA SEM ABANDONAR A BATINA*

DOI 10.18224/frag.v32i3.12376

EMIVALDO SILVA NOGUEIRA**

VIEIRA, Rafael. *Entre a fé e os fatos: histórias e conflitos de um padre que se tornou jornalista sem abandonar a batina*. Rio de Janeiro: Máquina de livros, 2022.

Rafael Vieira é goiano, sacerdote pertencente a Congregação do Santíssimo Redentor, os missionários redentoristas. Formado em Filosofia e Teologia, com mestrado em teologia moral pela Pontifícia Universidade Lateranense do Vaticano e escreveu diversos livros sobre espiritualidade, dentre eles, destaco a obra *Entre os fatos e a fé: histórias e conflitos de um padre que se tornou jornalista sem abandonar a batina* (2022), que será resenhada neste estudo.

Para tanto, o autor divide esta obra em sete capítulos, e cada capítulo tem suas subdivisões, descortinando, sobre vários aspectos, os dilemas que o autor vive entre a sua missão enquanto sacerdote e jornalista, a saber: 1) pauta; 2) apuração; 3) redação; 4) edição; 5) publicação; 6) confessionalidade; 7) degredo. Ao final, o autor apresenta suas considerações.

A obra segue uma estrutura singular: Vieira (2022, p. 16-17) afirma que usou como capítulos, “as etapas de produção de conteúdo jornalístico sem nenhuma pretensão didática, mas apenas para montar um varal no qual eu pudesse dependurar vivências como padre e como jornalista”. Assim, no primeiro capítulo, Vieira dá início às suas primeiras memórias, recordando suas experiências em

* Recebido em 09.05.2022. Aprovado em: 15.12.2022.

** Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Bolsista CAPES PROSUC (2020), com estágio doutoral sanduíche na Pontifícia Universidad Católica de Chile - Facultad de Teologia (2018-2019). Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2017). Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (2013) e em Letras pela Faculdade Educacional da Lapa (2020). Professor investigador do Centro de Investigação em Educação da Universidad Bernardo OHiggins, Santiago / Chile.
E-mail: filliusorion@hotmail.com.

coberturas das agendas do Papa João Paulo II, em 1993, em Denver, nos Estados Unidos, e em 1998 em Roma, na Itália. Aqui o autor deixa transparecer um dos seus grandes embates; entre atuar como padre ou como jornalista. Entre aquilo que é pertinente e relevante para uma pauta, ou aquilo que é bem-quisto pela igreja. É preciso pensar, afirma Vieira (2022, p. 32) que, a “informação atinge muitas pessoas, doutrinação não”, desta forma, necessário se faz considerar que, a informação tem uma amplitude maior do que uma doutrina.

Vieira (2022) também fala sobre o ineditismo, fatos inesperados e a negatividade. Sobre estes assuntos ele recorda experiências vivenciadas enquanto exercia ora a função de padre, ora a função de jornalista. Acerca da situação enquanto padre, recorda sua experiência na Suíça, enquanto dava assistência à comunidade portuguesa, onde precisou celebrar uma missa em português, foi debochado pelo padre suíço, porém elogiado pela princesa da Casa Real da Espanha, fato que ele denomina de inédito. O fato inesperado é tratado pelo autor como a ocasião em que o Papa Bento XVI renunciaria ao ministério de chefe universal da Igreja Católica. Quanto a negatividade, são os temas tabu, “calcanhar de Aquiles” para a Igreja, tais como: sexo, homossexualidade, casamento de sacerdotes, ordenação de mulheres, entre outros.

No segundo capítulo, Vieira (2022) trata da questão da apuração, quer dizer, de ir às fontes da informação e apurá-la com verdade e coerência. Para que a credibilidade seja a normativa diante de qualquer questão. Entre outros casos especificados pelo autor, vale recordar aqui da eleição de Jorge Mario Bergoglio e da escolha do nome Francisco, porque houve burburinhos acerca desta temática. Outro caso foi uma entrevista do Papa Francisco ao jornalista Eugenio Scalfari, pois o jornalista não gravou a conversa, gerando uma discussão na Cúria Romana. Disso afirma Vieira (2022, p. 58): “não gravar, especialmente com o Papa, é uma temeridade. Scalfari chegou a dizer que, além de não gravar, não fizera anotações, confiando apenas em sua memória”. Portanto, gravações são necessárias, a fim de apurar a pauta.

O terceiro capítulo intitula-se “redação”, ou seja, é o processo de retomar a pauta, revisar as apurações e, por fim, redigi-las em texto. Jornalisticamente, este processo é chamado de *lead* (aqui o autor trata os tópicos: o quê? Quem? Quando? Onde? Como? E por que?). São os passos básicos de uma redação jornalística. Parece que neste capítulo o autor entra no ringue já sangrando, porque, nem o jornalista e nem o padre querem perder algum round. Para cada tópico do lead, Vieira (2022) narra um acontecimento da sua vida. Destaco aqui dois deles: o primeiro é acerca de sua inscrição para um reality show, o Big Brother Brasil, sua primeira versão em 2001, em que foi aprovado para participar, chegando a ficar confinado em um hotel luxuoso no Rio de Janeiro. Sobre este episódio Vieira (2022, p. 70) afirma que “o jornalista passou por cima do padre”. A seguir ele diz: “O padre e o jornalista dentro de mim se digladiavam” (VIEIRA, 2022, p. 71). Desta sua experiência, Vieira escreveu um livro intitulado: “Big Brother – Traições à espiritualidade do cotidiano nos reality shows”.

O episódio seguinte relata da sua amizade com o ator Caíque Ferreira, iniciada em janeiro de 1987. Esta amizade ficou marcada na vida de Vieira, porque a lição de amor ensinada por Caíque, marcou sua vida enquanto padre e enquanto jornalista. De fato, Caíque acabou faleceu, vítima de AIDS, sem cumprir o que prometeu: pintar um painel atrás do altar, quando Vieira (2022) tivesse uma igreja. Vieira (2022) tornou-se pároco apenas em 2012, após 25 anos de sacerdote e 14 de jornalismo.

O capítulo seguinte trata da edição, e Vieira (2022, p. 86) afirma logo: “é complexo quando a edição se torna o problema da reportagem”. Para Vieira (2022), editar tem semelhança com a psicanálise, porque precisa escolher, selecionar aquilo que será considerado importante para a

matéria, sem recortar detalhes importantes. Isso se dá na vida enquanto padre e enquanto jornalista. É preciso de “domínio sólido das ferramentas” (VIEIRA, 2022, p. 87). Como nos capítulos anteriores, o autor segue descrevendo aspectos experimentados durante sua vida entre estas duas vocações. Editar precisa de qualidade, equilíbrio, clareza e sentido. Fator exemplar para o assunto são suas experiências no trabalho de rádio.

No capítulo cinco, chamado de “publicidade”, Vieira (2022, p. 102) deixa um aviso importante:

creio na máxima de que uma palavra pronunciada em público é uma pena jogada sobre as pessoas: não volta. Se o vento ajudar, ela fica no alto; se o vento não ajudar, vai achar um lugar para repousar no chão, mas estará ali. A decisão de publicar qualquer texto, áudio ou imagem é um exercício sério de cidadania e de moralidade pessoal e social.

Evidentemente hoje o processo de publicação é menos burocrático do que antes, porém, Vieira (2022) assevera sempre para a liberdade de expressão com responsabilidade, honra e legalidade. Acerca desta temática, o autor recorda o fato ocorrido com seu confrade religioso, Pe. Robson de Oliveira, absurdamente escandalizado pelas grandes mídias, envolvendo extorsão, violação da dignidade da pessoa humana, dentre vários outros aspectos. Acerca disso, Vieira (2022) recorda sempre o princípio da responsabilidade. Quer dizer, parece que a grande mídia não segue tal princípio quando decide expor a dignidade de uma pessoa, pensa quase que exclusivamente no ibope, no impacto, seja ele negativo sobre a vida da pessoa ou não. O autor finaliza este capítulo com a seguinte afirmação: “vivemos em ambiente de pandemia de fake news, e todo cuidado é pouco” (VIEIRA, 2022, p. 117).

Os dois capítulos posteriores, onde o autor trata da confessionalidade e de degredo, ou seja, de temas confessionais, de fé, “no sentido que existia no começo do século passado” (VIEIRA, 2022, p. 119), ou de temas relacionados às questões homossexuais e de escândalos no seio da Igreja. Vieira (2022) afirma que nunca quis ser um jornalista confessional. O autor acredita que, fazer jornalismo, buscar a verdade, perguntar sobre situações e questões incômodas na Igreja, pode ser uma aventura sem volta, mas uma discussão necessária, ressaltando os devidos cuidados que a pauta apresenta, porque, foi por estas questões que, alguns membros da comunidade eclesial foram silenciados, tais como Leonardo Boff, padre Tony Flannery etc., enquanto outros decidiram abandonar o celibato e assumir a via matrimonial. São pautas sensíveis, porém, existentes, para as quais, nem o jornalista nem o padre devem escusar-se. Vieira (2022, p. 152) expõe: “falta, acho, coragem de mostrar que o sistema eclesial dominante parece obsoleto”.

O autor chega ao fim de sua batalha com a seguinte conclusão:

não sei de onde saiu, em minha vida, a ideia de ser padre. Nunca consegui uma resposta satisfatória para esse tipo de curiosidade tão comum. [...] Termino, simbolicamente, com um registro pessoal que faz com que o sacerdócio e o jornalismo continuem a travar uma deliciosa luta dentro de mim: o sofrimento de homens e mulheres gays na Igreja me deixou sempre muito atordoado (VIEIRA, 2022, p. 159).

Vieira (2022), embora não se considere um escritor, oferece aos leitores uma preciosidade: juntar duas palavras sem algum prejuízo para o que cada uma delas significa. Faz com que nós, reles mortais, possamos nos encontrar.

O que é ser? Somos ou estamos? Sou jornalista ou sou padre? Eu vivo ou estou vivendo? Amo ou sou amado? Aliás, o que é amar? Eu amo da maneira mais genuína que existe ou é uma paixão?

Será que eu sei amar? A gente aprende amar? Como definir entre uma paixão e um amor? Autoamor e egoísmo, o que diferencia? São perguntas. Questões existenciais que nunca serão respondidas com afirmações, mas com condições, com possibilidades, com prerrogativas. É isso. A vida. Os fatos!

Vieira descortina o que existe de mais natural no ser humano: a dúvida. A incerteza de que o porto próximo será seguro ou apenas um descanso antes que os piratas apareçam.

Então, o que eu sou? Um profissional vivendo num corpo? Uma profissão incorporada numa alma diferente? Uma espécie de outro-ser? O que define a vida e a experiência de ser gente? São perguntas. Todas existenciais. Algumas a ciência ousa apresentar posições. Certas ou não, mas apresenta. Outras, a vida mesmo se encarrega de dizer, de esclarecer. Entre os fatos e a fé a vida acontece. É entre decisões, dores, alegrias, força, fraqueza, solidão e multidão que tudo acontece... A vida, na verdade, não tem roteiro, não tem pauta. A redação é o que conseguimos desenvolver, e quase sempre estacionamos na dor. Não que seja o fim. Mas o começo de uma outra vida. Porque a vida sempre está começando.

Entre os fatos e a fé. Entre os dados e a fantasia. Entre a metafísica e a ciência... Todo mundo fala do “entre”, mas o que é o entre? É uma possibilidade? Uma existência nova? Vieira nos deixa com múltiplas inquietações. O que é fato e o que é fé? Fé não tem fatos, dados concretos? E o que é fé senão aquilo que é possível? Um fato é fé na medida em que fé é um acontecimento. Tudo é um acontecimento. Talvez Vieira esteja finalizando um processo que nós, mortais e finitos, não consigamos apreender, mas, de qualquer forma, é isso a vida. Fato e fé é o que somos e seremos sempre. Vieira nos diz: só temos o agora, somente. Nenhum status será para sempre.

Ao fim e ao cabo, todas as áreas humanas são permeadas por conflitos. A vida é feita disso. A psicologia afirma que sempre caminhamos com angústia, seja pelo fim de um dia, pelo raiar do sol no amanhecer ou pelo início de uma chuva no verão, a vida está nesta dubiedade constante. Parece que estamos sempre insatisfeitos, parece que no jogo da vida, nunca é suficiente para nós aquilo que realizamos, embora tenhamos empenhado todo o nosso esforço. Mas, esta é a vida. É o que Hervieu-Léger denomina de “entre lugar”. Essa é a nossa vida, e enquanto humanos, seremos sempre conduzidos pela dúvida.